EDUCAÇÃO
V.12 • N.3 • Publicação Contínua - 2025

ISSN Digital: **2316-3828**
ISSN Impresso: **2316-333X**
DOI: **10.17564/2316-3828.2025v12n3p401-418**

INTERFACES CIENTÍFICAS

NATUREZA E CULTURA: A SINGULARIDADE DA FORMAÇÃO DO BRASIL EM GILBERTO FREYRE

NATURE AND CULTURE: THE SINGULARITY OF THE FORMATION OF BRAZIL IN GILBERTO FREYRE

NATURALEZA Y CULTURA: LA SINGULARIDAD DE LA FORMACIÓN DE BRASIL EN GILBERTO FREYRE

Edilene Maria de Carvalho Leal[1]
Frank Rolim de Almeida Santos[2]
Esmeraldo Leal dos Santos[3]

RESUMO

O presente ensaio apresenta, rapidamente, alguns argumentos em defesa de que Gilberto Freyre escapou à teoria dominante do atraso brasileiro. Pois, enquanto estudioso do conceito de cultura de Franz Boas e Norbert Elias, percebeu que os modos de ser, pensar e agir de um povo não correspondem a determinado padrão unilateral e universal. O processo de formar, educar e civilizar-se de um país é contingente, singular e irrepetível como experiência histórica.

PALAVRAS-CHAVE

Natureza; Cultura. Modernidade. Educação. Gilberto Freyre.

ABSTRACT

This essay briefly presents some arguments in defense of the fact that Gilberto Freyre escaped the dominant theory of Brazili na back wardness. As a scholar of Franz Boas and Norbert Elias' concept of culture, here alized that the ways of being, think in gandactingof a people do not correspond to a certain unilateral and universal standard. The process of forming, educating and civilizing a country iscontingent, singular and um repeatable as a historical experience.

KEYWORDS

Nature; Culture; Modernity; Education; Gilberto Freyre**.**

RESUMEN

El presente ensayo presenta, de forma breve, algunos argumentos en defensa de que Gilberto Freyre se apartó de la teoría dominante sobre el atraso brasileño. Como estudioso del concepto de cultura en Franz Boas y Norbert Elias, comprendió que los modos de ser, pensar y actuar de un pueblo no corresponden a un patrón unilateral y universal. El proceso de formación, educación y civilización de un país es contingente, singular e irrepetible como experiencia histórica.

PALABRAS CLAVE

Naturaleza. Cultura. Modernidad. Educación. Gilberto Freyre.

1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Gilberto Freyre, um dos maiores intérpretes do Brasil, nascido pernambucano, possui grande parte de suas obras traduzidas e publicadas em várias partes do mundo, particularmente na França e Estados Unidos. Seu livro mais conhecido, e possivelmente mais lido, Casa Grande & Senzala ainda hoje é visto como uma importante caixa de ferramenta para interpretar o Brasil. Mas, não se pode deixar de registrar, alvo de críticas (Fernandes, 2021) consistentes a sua concepção de que o Brasil, durante seu processo de formação, teria desenvolvido uma democracia racial. Ou seja, de acordo com suas análises, o negro escravizado ascendeu socialmente de modo a ocupar seu lugar de cidadão na sociedade.

Ainda que esse debate sobre a questão da democracia racial, presente em Casa Grande & Senzala, seja fundamental, principalmente para pensarmos a formação da sociedade brasileira, ela não será aqui discutida. Pois, o objetivo desse ensaio é bem mais modesto, a saber, compreender teoricamente como Freyre escapou à ideia dominante, na sua época, segundo a qual o Brasil não seria adequadamente moderno.

Para tanto, pressupomos que é sua concepção de natureza e cultura que contribuiu para pensar sobre o processo histórico de formação do Brasil, como modelagem singular da sociedade brasileira. Para ele, o colonizador português dispunha de certa tendência plástica, isto é, de certa psicologia adaptativa a novos contextos naturais e culturais, de modo a não apenas imprimir seu modo de ser, pensar e agir particular sobre os povos colonizados, porém, também de deixar-se modelar pelas singularidades do lugar, de seus povos, de suas idiossincrasias.

Para um importante crítico contemporâneo, Jessé Souza (2000a), esse teria sido o insight mais brilhante da obra de Freyre, pois foi com base neste *insight* que escapou à interpretação dominante de sua geração (geração de 1930) de que a formação do Brasil seria atrasada em relação aos processos europeus e estadunidense. Essa visada sobre a psicologia plástica do português produziu uma educação modernizante e civilizatória no Brasil, de modo que o encontro entre culturas e naturezas distintas constituiu um país desenvolvido, cujo progresso é marcado por seu modo próprio de fazer, sentir e pensar. Assim, o Brasil não seria menos ou mais moderno em relação aos supostos padrões de modernidade, mas apenas um país como quaisquer outros.

A busca por interpretar o Brasil a partir de suas origens e do seu atraso tem sido uma questão central na historiografia brasileira desde a geração da década de 1870, a exemplo de Silvio Romero, perpassando pela geração de 1930 com expoentes como Sérgio Buarque de Holanda, Fernando Azevedo, e se renovando ainda nas décadas de 1970 com estudos como os de Simon Schwartzman, retomando pontos centrais da tese de Fernando Azevedo (1943) para escrever **"A Formação da Comunidade Científica no Brasil"** (1979).

Essa abordagem entende que as razões do atraso brasileiro estão fundamentadas tanto em nossas raízes ibéricas, que moldaram nossa formação cultural e social, quanto no sistema político, especialmente no processo de colonização, que consolidou estruturas de poder e hierarquias sociais que ainda perduram no Brasil.

A relação desses autores com a modernização está na sua análise crítica do legado colonial e na ênfase na busca por processos de renovação institucional, cultural, educacional e científica. Eles

acreditavam que a fundação de instituições modernas, como universidades, e a adoção de modelos científicos europeus seriam caminhos essenciais para promover uma revolução intelectual e social no país. Assim, os autores da década de 1870 viram na modernização uma estratégia de superação do atraso herdado do período colonial, impulsionando o Brasil rumo a uma inserção mais ativa no cenário das nações civilizadas.

Em uma rápida análise da historiadora Moema Vergara (2004, p. 25) sobre essa geração, ela não deixou de destacar que "estes homens estavam construindo uma noção de brasileiro por negação ao português", como também, "o problema não estaria apenas na relação de exploração estabelecida entre a metrópole e a colônia, mas na própria 'essência' dos povos ibéricos, que, por suas próprias características, não teriam participado das transformações intelectuais do século XVII".

Essas visões críticas (tanto da geração de 1870 quanto da de 1930) reforçavam a ideia de que a herança colonial era uma carga que impedia o Brasil de se modernizar e se inserir no cenário das nações civilizadas, alimentando uma narrativa de que a colonização deixou uma "triste herança" de atraso e desconhecimento, que poderia ser superada por processos de renovação institucional, educacional, científica e cultural.

Os impactos dessas narrativas sobre a formação das instituições logo se fizeram sentir na percepção sobre a educação brasileira e suas perspectivas civilizatórias. Fernando Azevedo reforça que foi em sua geração o ponto da guinada revolucionária no país; com uma visão crítica e, muitas vezes, preocupada, ele via a educação como um elemento fundamental para o desenvolvimento do país e acreditava que a expansão da indústria, do comércio e a criação de universidades modernas seriam essenciais para impulsionar a revolução intelectual brasileira, vencidas, assim, as influências escolásticas do pensamento ibérico.

Essas interpretações do Brasil que marcaram a geração de 1930 e ainda se mostram recorrentes em alguns momentos de tensão da vida republicana nacional, por sua vez, não foram os únicos caminhos de compreensão do país naquele momento. É importante destacar algumas limitações dessas análises brasileiras preocupadas em identificar nas raízes do Brasil os seus "males de origem", como sugeriu Manoel Bomfim em 1903 para a América Latina, sendo obstáculos na sociedade brasileira que dificultariam o seu desenvolvimento, a sua educação e a sua modernidade. Elas tendem a estruturar suas críticas a partir de uma perspectiva quase determinista, focalizando as dificuldades externas ao desenvolvimento nacional, o que pode resultar em uma visão reducionista da história.

Por outro lado, é preciso considerar que essas perspectivas do atraso, formuladas pelas gerações de 1870 e de 1930, também se constituíram em momentos históricos politicamente marcados por significativas tentativas de superação dos tradicionalismos e de reinvenção do próprio projeto nacional. No caso brasileiro, essa busca por renovação se expressou por um forte sentimento republicano e por questionamentos à ordem imperial brasileira, como ocorreu com os intelectuais da década de 1870; ora na tentativa de reconfiguração da república existente, como no golpe de 1930, que levou Getúlio Vargas e o seu projeto político ao poder.

Em ambos os momentos, a construção de um Brasil moderno aparecia como horizonte desejável, refletido no espelho de nações prósperas e "civilizadas". As instituições nacionais, em especial a edu-

cação, eram chamadas à revisão profunda, concebidas como instrumentos fundamentais para romper com os vínculos coloniais e inaugurar uma nova ordem intelectual, social e política.

A despeito dessas leituras fortemente marcadas por modelos europeus de modernidade, novas interpretações surgiram, especialmente no seio da própria geração de 1930, propondo outras formas de compreender o Brasil e sua trajetória civilizatória. Nesse contexto, essas teorias foram amplamente orientadas por uma concepção de civilização baseadas nos paradigmas racionais da modernidade europeia, com raízes na racionalização cartesiana, no positivismo de Comte e na confiança kantiana no projeto iluminista (com seu deslumbre em face da *aufklärung*).

Essas referências forneceram o pano de fundo teórico a partir do qual se denunciava o "atraso" brasileiro em relação a um modelo universal de progresso e razão. Contudo, novas interpretações começam a tensionar esse olhar eurocêntrico. Gilberto Freyre, por exemplo, ao invés de reforçar essa denúncia do atraso, propõe um deslocamento de perspectiva: ao valorizar a singularidade da formação brasileira, marcada pela mestiçagem, pela casa-grande e senzala, e pelas relações sociais fluidas, Freyre embaralha os critérios tradicionais do que seria ser uma nação "civilizada" e nos convida a pensar o Brasil a partir de suas próprias experiências históricas e culturais.

2 DESENVOLVIMENTO: A FORMAÇÃO CULTURAL DO BRASIL

Quando publica pela primeira vez Casa Grande & Senzala em 1933, livro que o consagrou como um dos mais originais pensadores brasileiros, o tema dominante sobre o processo formador do Brasil era aquele do vínculo interno da continuidade entre a sociedade brasileira e a sociedade atávica portuguesa. Essa relação de origem, que caracterizaria de maneira estrutural a cultura brasileira, seria a principal responsável por nosso atraso no processo de modernização em comparação às sociedades europeias e, essencialmente, à sociedade americana.

Freyre, ao contrário, defende claramente uma hipótese segundo a qual o Brasil teria absorvido fortemente o padrão moderno, porém sob facetas muito singulares. Exatamente nos aspectos, como veremos rapidamente a seguir, que os autores da denominada por Jesse Souza (2000) "sociologia da inautenticidade" concebem como fatores que dificultavam a racionalização dos modos de vida e das instituições locais: a pessoalidade das relações sociais, a indeterminação funcional, o encontro de várias culturas, a plasticidade do português etc., Freyre encontrava o material cultural com o qual o Brasil produziu um hibridismo cujo resultado seria uma civilização moderna brasileira que nem se reduzia à cultura do negro africano, nem à cultura do branco português e nem à cultura do indígena. Conforme escreve:

> Uma circunstância significativa resta-nos destacar na formação brasileira: a de não se ter processado no puro sentido da europeização. Em vez de dura e seca, rangendo do esforço de adaptar-se a condições inteiramente estranhas, a cultura europeia se pôs em contato com a indígena, amaciada pelo óleo da mediação africana. (Freyre, 2023, p. 124).

Ora, o que nos interessa nessa teoria freiriana é sua sensibilidade analítica com os processos culturais, ou seja, parece que não passava por sua cabeça que se pudesse retirar, de outras formações culturais, certa ideia de modernidade e se pudesse simplesmente implantá-la em uma formação particular fora do tempo e fora do espaço; inclusive levando em conta suas etapas de execução. Sendo assim, a estrutura familiar de funcionamento da "Casa Grande &Senzala" revela muito da convivência ambígua entre a mistura interna da formação do senhor patriarcal da casa (entre mouro e cristão) e a especificidade cultural do negro escravizado.

As instituições sociais, os modos de vida e as relações sociais daí decorrentes, que se estabeleceram sob a orientação predominante do patriarcalismo, não fizeram com que o leitor de Weber, Simmel e Boas (e tantos outros) concluísse que esses são sintomas característicos de uma sociedade que não conseguia se livrar de seus entraves formadores; mas paradoxalmente, fizeram-no perceber que o Brasil desenvolvia uma forma singular de modernidade.

O que nos intriga nessa análise de Gilberto Freyre, possivelmente já bastante criticada, é sua visada indisfarçadamente positiva da escravidão no Brasil (Bôas, 2009, p. 215) para a qual teria como causa o caráter peculiar do colonizador português. Este parece abandonar todas as características supostamente negativas do colonizador espanhol e inglês para sobressair sua plasticidade conformadora do padrão especificamente brasileiro de civilizar-se, pois, possibilitou a inserção da cultura negra em todas as dimensões sociais bem como contribuiu na produção de sociabilidades nas quais amor e ódio, inveja e ternura conviviam sem maiores implicações para o processo de institucionalização dos ordenamentos sociais.

Por isso, teria realizado, no entender de Freyre, uma escravidão "benigna" em comparação à escravidão "maligna" dos nortes americanos. Não sabemos em que medida esse tipo de comparação e de conclusão é produtiva e, mais que isso, corresponde à realidade, mas a escolha freiriana de tomar o português e o mundo criado em parte por ele, tão positivamente acaba por "empobrecer" sua argumentação, principalmente aquela que resultou na compreensão da hibridez de formação e singularidade de tipo de modernidade.

Impressionantemente Freyre (2023, p. 272) pontua essa sociabilidade ambígua, praticada por desiguais, a partir de duas noções que ele busca na raiz moura do português: a sua tendência a desenvolver a poligamia retratada pelos muitos filhos de escravas e senhores e certa disposição – não sabemos ao certo se natural ou culturalmente adquirida – do escravo ser masoquista e do português ser sádico.

Com isso, se quer dizer que a marca dessas relações era o patriarcalismo cuja figura suprema era, evidentemente, o senhor da casa que, constituído por uma habilidade cultural de se adequar aos contextos diversos, contribuiu na redefinição do sentido da modernização brasileira no qual: hibridismo cultural, ascensão do negro, pessoalidade e impessoalidade das relações, afetos e razão; aparecem como suas configurações principais.

Não se pode perder de vista, entretanto, que essa suposta ascensão política, cultural e social do negro na sociedade brasileira de Freyre foi atravessada pela lógica de uma relação na qual o senhor branco comparece como o fator "positivo" e o negro escravo como o fator "negativo", de maneira que essa ascensão ocorre como uma concessão daquele que está em seu lugar genuíno de poder. Isto é,

não foi o resultado de um processo de luta política por direitos em que o negro teria elaborado sua autoafirmação e seu reconhecimento nos espaços sociais, mas uma espécie de negociação na esfera do "personalismo" – o pai promíscuo reconhece seus filhos bastardos e os insere nas diversas esferas.

É inclusive com base nessa suposta ascensão de negros mestiços que Freyre produziu a tão conhecida e criticada teoria da democracia racial. Aqui entendida como um sistema político que, na comparação com o processo de racialização segregacionista dos EUA, possibilitou à cidadania, com acesso ao trabalhado, a educação e à saúde.

Entretanto, não é apenas esse elemento cultural, a plasticidade do colonizador, que foi fundamental para a formação singular do Brasil, na perspectiva de Freyre. Ele também foi fortemente influenciado, em nosso entender, pela análise crítica da noção de natureza. A primeira é aquela que responde à relação natureza e sociedade em voga desde a modernidade iluminista na qual a natureza aparece na condição necessária de ser subjugada pela sociedade. A segunda, que nos interessa particularmente, refere-se às circunstâncias nas quais certos aspectos insubmissos da natureza, enquanto ambiente natural e enquanto modo de ser de seus habitantes autóctones, interferiram sobremaneira nos padrões civilizatórios de sociabilidade do Brasil.

É precisamente o confronto entre essas duas formas de compreensão da natureza na obra de Gilberto Freyre, com o foco sobre a relação entre natureza e civilização, o qual se apresenta como contraponto à semântica moderna: natureza e sociedade. Isto é, de um lado, a forma moderna consagrada e amplamente criticada na atualidade, segundo a qual a natureza é distinta do ambiente social do ser humano e, por conseguinte, passível de servir às demandas de sua racionalização e evolução.

De outro, sua relação com a ideia de processo civilizacional, em que longe de seguir os mesmos padrões europeus e norte-americanos de civilização como recrudescimento e, muitas vezes, negação das pulsões naturais em nome da convivência civilizatória, pressupõe a construção histórica, continuadamente feita e refeita, de práticas sociais nas quais natureza/cultura e natureza/sociedade, coexistem de forma conflituosa, mas em todo caso conformadoras de uma vida coletiva.

Essa proposta de análise, sabemos, tem implicações profundas sobre toda uma tradição de pensadores e de seus comentadores que se voltou ao estudo da formação do Brasil, principalmente, a partir da relação entre modernidade e modernização. Dentre esses, gostaríamos de citar o caso de Jessé Souza, uma vez que realizou uma interpretação respeitável sobre o tema, com o destaque para seu conceito de "sociologia inautêntica" na qual situa nomes como Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro e Roberto DaMatta por associarem o curso da modernização brasileira a seu atraso endêmico.

Mas também porque elaborou uma das interpretações mais originais da obra de Gilberto Freyre, na qual evidencia a consistência na sua compreensão do processo de modernização brasileiro como aquele que se realizou de modo singular. O conceito de modernidade singular, plenamente reconhecível em Casa Grande &Senzala, possibilitou a Souza compor sua visão pessoal sobre os problemas estruturais do Brasil contemporâneo, segundo ele, decorrentes da singularidade que marcaram seu processo de modernização.

3 A RECUSA DA SEMÂNTICA DOMINANTE NATUREZA E SOCIEDADE

Parece-nos fundamental o estudo desse traço do pensamento freyriano porque o contexto de sua escritura não favorecia o desenvolvimento da relação natureza/civilização. Freyre pertencia a Geração de 30, considerada por muitos estudiosos (Fernandes, 1957; Cândido, 1964; Tavolaro; 2005) a geração efetivamente científica, que atualizava os padrões do rigor epistemológico e que, por conseguinte, não se permitia corroborar os preconceitos "fáceis" do senso comum.

Tal como Freyre, Sérgio Buarque, Raymundo Faoro ou Caio Prado Júnior não se permitiram explicar o suposto atraso brasileiro, por meio de sua inferioridade racial e nem tão pouco tentaram compensá-lo por meio da exaltação ufanista de sua natureza, como, respectivamente, fizeram Sílvio Romero e Nina Rodrigues, José de Alencar e Gonçalves Dias. Ainda assim, a geração de 30 não deixou de ratificar outras pré-noções presentes na semântica moderna sobre a modernidade.

A principal delas é, certamente, a centralidade que a ideia de racionalização assumiu nessa semântica no sentido de que a razão teria conseguido se separar de todos os entraves que impediriam seu percurso de dominação pelo mundo. Isto é, a razão moderna para se tornar universal separou-se da racionalidade valorativa, da natureza ambiente, da "natureza humana" e dos padrões civilizacionais.

A submissão do mundo, e do mundo ambiente natural, sob a prerrogativa de instalação de um mundo mais moderno, civilizado, evoluído, justificou, amplamente, a vigência do ideal de que sociedades de alto padrão modernizante realizariam "o melhor dos mundos possíveis". Mesmo diante do arsenal de crítica que as ciências e a filosofia de fins do século XIX e começo do XX puseram em ação contra o projeto iluminista, manteve-se a crença de que, em todo caso, não seria mais possível parar o processo de racionalização do mundo.

Assim, tanto a conhecida frase de Descartes sobre o objetivo supremo da razão: "dominar matematicamente o mundo"; quanto o investimento crítico do diagnóstico adorniano sobre as sociedades contemporâneas: "o esclarecimento regride à mitologia da qual jamais soube escapar" (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 39), redundam na mesma premissa que Latour, inteligentemente, chamou de purificação do mundo pelos modernos. Ação x pensamento, pensamento x ação – não importando o lugar que cada um dos termos assuma na relação –, reflete as tentativas vãs dos modernos de circunscrevê-los em limites específicos às quais serviram apenas para ressaltar sua relação de interdependência, uma vez que a mobilização racionalizante com vistas à conquista do mundo resultou na impossibilidade atual de se negar a reflexividade dessa mobilização.

Posto que, praticamente todas as sociedades contemporâneas, essencialmente aquelas de modernização estrutural mais longeva, encontram-se diante do *factum* das consequências de seu processo de modernização, dentre as quais, a destruição da natureza significa também a destruição da própria sociedade. Pois, cada vez mais se tem clareza disso, a natureza não existe fora da sociedade, como um objeto a ser subjugado, mas são partes constitutivas do processo de sociabilidade moderna.

Essa semântica representou não apenas a legitimação da ideia de atraso, porém, primordialmente, acrescentou na autoimagem de si dos brasileiros, para falar nos termos elisianos, uma visão da relação sociedade/natureza, simultaneamente, como aquela que não realizou plenamente a separação

entre os padrões modernos de sociedade e como aquela que, na falta da realização adequada dessa separação, restaria à consideração por sua imagem idílica. Ora, se não se produziu a contento o desenvolvimento econômico e tecnológico, se não se estabeleceu devidamente a separação público e privado e se não se plasmou os modos de vida a partir do individualismo, não se efetivou, enfim, plenamente a impessoalidade da relação entre sociedade e natureza.

Histórica e politicamente, o Brasil se empenhou, por meio de suas instituições e de seus ordenamentos sociais, a promover a tão desejada modernidade de suas esferas de atuação e dos modos de vida de seus habitantes. Como exemplo, podemos citar todo o afã de rápida modernização inscrito nas décadas desenvolvimentistas de sua política econômica e social. Nesse sentido, percebem-se as tantas implicações práticas que as "imagens" teóricas de mundo podem ter sobre a condução de sociedades.

A intenção aqui não é, de modo algum, apontar na produção científica de um lugar a causa fundante de seus problemas de autoimagem de si como coletividade e como individualidade. Mesmo porque, as imagens de mundo teóricas não são criadas fora de contextos e estruturas específicas que as constituem e as caracterizam. De maneira ainda mais profunda, salientou Giddens (2009), que a sociologia lida com uma "dupla hermenêutica", ou seja, esforçar-se por interpretar um mundo já interpretado, uma vez que tanto o tecido da sociedade quanto as teorias que o explica existem numa relação de mútua dependência.

Elias nos lembra que a constituição de qualquer processo formador de uma dada sociedade perpassa por campos discerníveis, ainda que imbricados: estruturação de instituições sociais garantidoras das normas externas associada à construção de um *habitus* que nada mais é do que a incorporação interna, nos indivíduos e, por conseguinte na sociedade, dessas mesmas normas.

Ora, os indivíduos que não existem fora das relações sociais porque definem sua posição no mundo a partir de instituições e *habitus* compartilhado, são os responsáveis por reproduzir e recriar, cotidianamente, as formas, imagens, visões que caracterizam sua sociedade em contextos diferentes. Os cientistas, por mais que desejem, não escapam à sua inscrição em um tempo e lugar determinados; isso é o que faz com que, tal como o mais comum dos homens, oriente-se por imagens ou ideais ou figuras que circulam pelo ambiente particular da ciência. O que separa um e outro, o cientista do homem comum, é tanto seu olhar enviesado pelo questionamento quanto a possibilidade de que a qualidade de seu questionamento o envie até uma percepção mais aguçada da realidade.

Tal como suspeitamos ser o caso de Gilberto Freyre. Seu olhar enviesado sobre o colonizador ibérico que aportou em terras brasileiras, o tipo transformado de imagem edênica do Novo Mundo que o caracterizou, a confluência de culturas diferenciadas que compôs o Brasil desde seu nascimento; não o levou a ver na junção desses caracteres apenas a ausência das experiências formativas de outros lugares. Mas certo hibridismo[4] cultural em que se verifica tanto a presença da cultura do negro, do índio e do branco. Esse hibridismo, todavia, não resultou de um plano racional de nenhum de seus componentes étnicos e nem tão pouco da atitude ética daquele em melhor condição de se impor, o

4 "Uma circunstância significativa resta-nos destacar na formação brasileira: a de não se ter processado no puro sentido da europeização. Em vez de dura e seca, rangendo do esforço de adaptar-se a condições inteiramente estranhas, a cultura europeia se pôs em contato com a indígena, amaciada pelo óleo da mediação africana" (Freyre, 2023, p. 124).

branco, mas da caracterização psicológica do colonizador português e da resiliência que caracterizava os povos autóctones.

O português, dono de um modo de ser plástico, adaptou-se às condições e aos contextos variados que encontrou nas novas terras. E isso significa dizer que, na perspectiva de Freyre, o português estabeleceu por aqui relação dialética entre os povos que colonizou: ele modelou o mundo que colonizou segundo sua imagem e semelhança, mas também se adaptou (e nessa medida deixou-se modelar) à natureza e à cultura do lugar; mesmo porque, é preciso lembrar, encontrou forte resistência entre as populações indígenas, e posteriormente, entre os grupos de povos escravizados da África.

Esse processo de adaptação, mas também de modelação da sociedade pelo português encontrou na formação social da família patriarcal sua característica fundamental, posto que, foi no interior desta que Freyre (2006, p. 96) aponta para os elementos mais singulares do processo de formação do Brasil: os lugares sociais tão claramente demarcados entre os habitantes da casa grande e senzala eram, frequentemente, atravessados pelas paixões, por relações de poder e até mesmo por afetos. Muito do que explicaria o modo peculiar desse processo, sob a ótica de "Casa Grande & Senzala", mistura-se a tantas nuances entrecruzadas que nos permite perceber a presença marcante do conceito de processos formativos como processos civilizacionais.

Pois, encontramos esse conceito em pleno uso em Norbert Elias (1994) e em outros teóricos atuais, no sentido de que uma sociedade evolui, desenvolve-se ou simplesmente altera seu curso, mas não necessariamente em direção ao melhor, a qualquer ideal de sociedade, à pacificação eterna e bem-estar generalizado. A ideia de processo civilizacional recusa tanto a prerrogativa de uma racionalização separada de outros elementos constitutivos dos seres humanos e dos mundos criados por eles quanto à prerrogativa de um evolucionismo que, invariavelmente, pede por um modelo ao qual refletir. Por conseguinte, pode-se falar em processo civilizacional e descivilizacional que acontece simultaneamente, no sentido de que sociedades constituem jogos configuracionais (Elias, 2006) capazes de engendrar ou deter um ou outro ou os dois.

Em virtude, possivelmente, dessa influência indireta – Elias e Freyre foram leitores costumazes de Simmel de quem advém grande parte da inspiração para a formulação desse conceito –, Freyre pôde defender que o Brasil teria sim desenvolvido um padrão social e cultural moderno, mas sob premissas singulares e irrepetíveis em outros cantos. Isso porque, os padrões civilizacionais perpassam por contextos específicos, porém o *habitus*, os modos de vida, os tipos sociais, os entrecruzamentos de relações, enfim, toda sorte de particularidade e de contingência atravessa-os de maneira envolvente e condicionante a ponto de se transformarem em outras orientações civilizacionais.

É possível dizer que, em terras brasileiras, os elementos de modernidade e de modernização sofreram o impacto das particularidades locais. Com isso não se quer dizer que é porque o Brasil se entregou à sua natureza "inóspita", à sua natureza selvagem, à sua natureza passional. Tal como defendem Sérgio Buarque de Holanda (1995) com seu conceito de homem brasileiro cordial existindo entre a emocionalidade, a deferência e o aproveitamento das situações racionais; Roberto DaMatta (1984) que aponta na porosidade da relação entre público e privado, em que os interesses, os desejos e as paixões do privado frequentemente invadiriam o funcionamento do público; ou ainda Raymundo

Faoro (2021) que aponta no convívio prosaico dos favores, das imposições de poder, das relações funcionais no âmbito das instituições sociais, o principal motivo da modernidade desviante.

Em Freyre de "Casa Grande & Senzala", o hibridismo dos diversos elementos que compõem a tessitura da realidade social conformou o processo civilizacional do Brasil; outra característica marcou o processo na França, nos EUA, a Inglaterra. A singularidade que o processo formador brasileiro representa não significa, portanto, que somente seu processo foi e é diferenciado, mas que todo e qualquer processo civilizacional se apresenta nesse nível de heterogeneidade. O aspecto em comum, que orientou e orienta seus processos formativos, é a vigência global da modernidade civilizacional. Com isso, esperamos ter desfeito a ambiguidade contida no conceito de modernidade singular que, apesar de ser uma interpretação consistente de Gilberto Freyre e do Brasil, trazia consigo esse traço desconfortável.

4 A FORMULAÇÃO DE UMA SEMÂNTICA: NATUREZA E CIVILIZAÇÃO

Se Freyre nos fala sobre um hibridismo cultural, Latour nos fala sobre certo hibridismo ontológico. Não é preciso forçar aqui uma aproximação que, a rigor, não existiria entre esses dois polêmicos pensadores da sociedade. Esse não é o caso. Porém, fazê-los se encontrar em uma noção que, parece-nos, ser fundamental no interior de suas argumentações: o conceito de hibridismo cujo sentido não deixa de carregar muita coisa em comum.

De posse da conceituação de Freyre, forjada a partir do estudo de caso, a formação civilizatória do Brasil, resta-nos apresentar rapidamente o exame desse conceito por Latour enquanto resultado do que chamou de "desnaturalização" da modernidade, cuja aparente abstração é compensada pelas referências ao cotidiano vivido por cientistas em seus laboratórios. Deve-se marcar que, é exatamente com esse conceito de desnaturalização que Latour, ao contrário de Gilberto Freyre, põe em ação a ideia de que não apenas os processos formativos de sociedades, mas também as teorias que lhe dão livre curso são atravessadas por relações de poder. Esse elemento que falta em Freyre e existe em abundância em Latour, serve-nos para que não nos esqueçamos desse fator preponderante nos processos civilizacionais.

Na verdade, também encontramos com talvez mais abundância ainda em Norbert Elias, pois, o que é incorporado no *habitus*, nas instituições e no sistema de normatização de uma sociedade responde pelos processos históricos de distinção nos quais perpassam o ensejo de indivíduos e de grupos de se distinguir dos outros e de se reunir em torno de um agrupamento fechado aos desiguais. A falta, entretanto, de um exame acurado das relações de poder na obra de Gilberto Freyre não significa que a qualidade analítica de suas formulações deva ser desconsiderada. De modo algum.

Inclusive porque não é que não exista, mas existe de um modo que faz parecer que essas relações de poder não são engendradoras de conflitos. Pois, como nos fala Freyre, as relações sociais existem enquanto "antagonismos em equilíbrio" que são partes da *hybris* formacional brasileira; mantidos, em todo em caso, em equilíbrio pela acomodação e maleabilidade do colonizador português. Mas esse é um tema que por si só já merecia um estudo. A intenção aqui é apenas marcar uma diferença substancial entre esses intérpretes das sociedades modernas. Feita a ressalva, vamos a Latour.

Com a análise dos híbridos, Latour nos convida a pensar o que sempre esteve aí, plenamente atuante na modernidade, ou seja, toda sorte de híbridos que os modernos criaram na expectativa sempre frustrada de realização do trabalho de purificação. O que são os híbridos? "Mas os híbridos, os monstros, os mistos cuja explicação ela abandona são quase tudo, compõem não apenas nossos coletivos, mas também os outros, os abusivamente chamados de pré-modernos" (Latour, 1994, p. 51).

Ou seja, a mistura entre natureza/cultura, racionalidade/irracionalidade, sociedade/técnica porque nenhum desses termos tem existência independente da produção humana: por exemplo, a natureza é o resultado de dados científicos e simbólicos engendrados pelas máquinas criadas pelos homens com o objetivo de produzir esses dados, esses são produzidos mediante uma prática científica sobrecarregada de contextos subjetivos, políticos, econômicos, bem como acontecimentos fortuitos impossíveis de ser controlados; de qualquer maneira, tornar-se-ão textos publicados em livros e revistas, também submetidos às manobras profissionais e políticas que alteram o conteúdo dos dados.

A natureza não é, por conseguinte, uma coisa-em-si mesma, mas uma construção cultural dos seres humanos, assim como tudo que circula, permeia e subjaz ao mundo compartilhado por humanos e não-humanos. Acrescenta-se a isso o fato de que o que se pode dizer sobre esse mundo compartilhado é sempre uma construção na qual se debate verdade e erro, sem que qualquer um dos termos – ainda menos a verdade – possa assumir a proeminência definitiva e universalizante.

Nesse sentido, o híbrido é a mistura produtiva de vários elementos que compõem o tecido da realidade social. É também o modo moderno de operar com a produção científica, mas também política, econômica e cultural; em uma frase, de operar com a produção dos contornos e entornos da sociedade. Isso a despeito do fato de ter tentado de tantas maneiras a fabricação da purificação, ou seja, de despojar dos elementos considerados centrais para sua semântica, seus elementos contrários, seus outros, seus híbridos.

Sem efetuar uma crítica à semântica da modernidade e sem expor uma teoria dos híbridos, Freyre atualizou uma noção muito próxima dessa acima apresentada à medida que destacou que a colonização portuguesa foi feita por meio do hibridismo em que todas as culturas envolvidas deram sua contraparte na formação do Brasil, bem como das características sobressalientes do português responsáveis por sua adaptação às condições específicas da natureza que encontrou; ao contrário de outros colonizadores europeus, como os calvinistas franceses que durante o século XVI tentaram estabelecer no Brasil uma colonização exclusivamente branca, ou seja, purificada ou sem hibridismo, e o resultado foi sua retirada sem resquícios de sua influência.

Freyre (2023, p. 85), escreve: "Outra circunstância ou condição favoreceu o português, tanto quanto a miscibilidade e a mobilidade, na conquista de terras e no domínio de povos tropicais: a aclimatabilidade".

5 OUTROS ASPECTOS CIVILIZATÓRIOS OU POR ENTRE SUAS LINHAS: CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Os impactos das análises de Freyre, ainda no início deste milênio, reascenderam o interesse por sua obra a partir de uma perspectiva importante: a de colocá-lo de certo modo, como uma espécie de antecipação daquilo que representou a Nova História francesa para a historiografia mundial na

década de 1960. Para Peter Burke (1997, p. 9) "Na história global da história social, Freyre merece ser lembrado como um vínculo importante na cadeia viva que une a '*new history*' com a *nouvelle histoire*". Ao reunir influências norte-americanas, francesas e brasileiras num projeto autoral, Freyre construiu uma abordagem inovadora que, embora não sistematizada como escola, exerceu influência decisiva na consolidação da história social no Brasil, antecipando metodologias e temas que só mais tarde ganhariam centralidade nos debates historiográficos internacionais.

Além dessa contribuição temática, Freyre rompeu com os padrões tradicionais também no que se refere às fontes utilizadas. Seu trabalho incluiu desde receitas culinárias e crônicas jornalísticas até descrições de escravos fugidos e memórias pessoais. A valorização da cultura material representa um dos aspectos mais inovadores da abordagem de Gilberto Freyre. Em um momento em que a historiografia ainda privilegiava os grandes eventos políticos e os personagens notáveis, Freyre desloca o foco para elementos do cotidiano, como a arquitetura das casas, os móveis, os utensílios domésticos, as roupas e os alimentos, a fim de compreender a dinâmica das relações sociais no Brasil colonial.

Essa sensibilidade para com os objetos e espaços comuns permitiu-lhe interpretar a casa grande, o sobrado e o mucambo como expressões concretas de um sistema de poder. Estratégia que antecipa as práticas da *história das mentalidades* e da *micro-história* europeias, buscando, de certa maneira, resgatar o cotidiano e a subjetividade como objetos legítimos da investigação histórica. Assim como Fernand Braudel faria décadas depois ao tratar da *civilisationmatérielle* **(Burke, 1997; Burke; Pallares-Burke, 2000).**

Sobre a história da infância, em particular, fragmentos desse projeto estão presentes em *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e Mucambos*, onde ele analisa a infância como um espelho das estruturas sociais e culturais do Brasil patriarcal. Tal como Philippe Ariès (1960), mas bem antes deste, Freyre apontava que, no Brasil, crianças eram tratadas como pequenos adultos. Ao abordar a infância como dimensão simbólica e cultural, Freyre se consolida como pioneiro da história social da infância, alinhado, embora de forma autônoma, às preocupações posteriores da *Nouvelle Histoire*.

Um aspecto significativo do constructo civilizatório de Freyre é justamente a maneira como a cultura se adensa com a inserção de novos objetos de análise, como a infância e o cotidiano. Nesse contexto, embora Freyre não teorize diretamente sobre a educação, é possível perceber em sua obra a presença difusa de uma "educação civilizatória híbrida", embutida nas práticas cotidianas e na experiência mestiça brasileira. Trata-se de uma educação implícita, moldada pelas relações sociais e afetivas que estruturam a formação cultural do Brasil.

Desde *Casa-Grande & Senzala*, Freyre apresenta a educação como parte integrante da vida nos engenhos. O engenho não era apenas uma unidade econômica, mas também um espaço de formação moral, cultural e até escolar, onde se aprendiam, por exemplo, "as primeiras letras". Nesse contexto, um aspecto central para entender a relação entre raça e educação no Brasil é a chamada **"coeducação"** entre negros e brancos. Para Freyre, essa convivência desde a infância, ainda que marcada por hierarquias, configurava uma das singularidades do processo formador brasileiro, especialmente se comparado a outras sociedades escravistas, como a dos Estados Unidos, onde a separação racial era estrita (Oliveira, 2018).

Essa experiência compartilhada seria, segundo o autor, um dos pilares que sustentariam a possibilidade de uma futura democracia étnica no Brasil. Entretanto, Freyre reconhece também as tensões e limitações presentes nesse processo. Um dos pontos críticos em sua interpretação está na atuação dos jesuítas, que, ao rejeitarem à coeducação entre negros e brancos, teriam dificultado a formação de uma sociedade mais igualitária em termos raciais. Para Freyre, ao impor barreiras entre os diferentes grupos, os jesuítas se afastaram de uma lógica de integração e contribuíram para a manutenção de distinções sociais e raciais que ainda marcam o país.

Além disso, também, do ponto de vista da formação da sociedade brasileira Elide D. Bastos (2004, p. 222) arrisca dizer que "Gilberto Freire amplia esse debate aplicando-o à organização política. As bases culturalistas justificam que construa sua explicação sobre o autoritarismo assentado em razões de caráter cultural e não político".

Não obstante, a recepção crítica à sua obra também evidencia seus limites, sobretudo seus aspectos conservadores e ameaçadores. José Carlos Reis chegou a destacar que o ponto de vista social de Gilberto Freyre parte de um lugar que é preciso compreender, de certo modo, para compor o universo de suas análises:

> O seu olhar sobre o Brasil é senhorial [...] Freyre olha o Brasil do terraço da casa grande, do alto, e viu que o Brasil mudava, que o domínio das elites não era mais incontestável. Então, ele criou um olhar abrangente, mais longínquo temporalmente e, com os olhos da intuição, lembra-se do mundo consolidado, hospitaleiro, patriarcal e bom, cuja visão aquele terraço antes oferecia. (Reis, 1999, p. 65).

Para além disso, sua obra convida a pensar a história não apenas como narrativa de eventos, mas como experiência enraizada nos ritmos da vida, nas formas sensíveis de organização social e na permanente negociação entre o humano e o ambiente. É nesse cruzamento entre civilização e natureza que reside uma das forças interpretativas de Freyre, e também sua atualidade.

Esses fatores conjugados foram fundamentais e deram o tom ao processo de construção não apenas da colonização, mas principalmente, do processo de formação da sociedade brasileira porque, segundo Freyre, diante de uma natureza que não se ofereceria sem esforço à dominação portuguesa: com seu clima cru que dificultava o funcionamento de seu aparelho digestivo e suas atividades agrícolas e com seu "mato virgem' que exigia grande disposição para a empreitada de desbravá-lo, contou com a disposição do português em mudar radicalmente seus modos de ser e viver físico, psicológico e culturalmente para melhor se adaptar às suas condições estruturais.

Evidentemente, que isso não significou que o português não praticou a tão repetida colonização de exploração tendo em vista interesses econômicos. Mas que, para tanto, foi preciso moldar essa exploração por meio tanto de seus caracteres próprios quanto daqueles específicos do meio ambiente. Ou seja, a exploração da natureza não foi, predominantemente, impulsionada pela semântica da purificação moderna em que se divisa a submissão da natureza às estruturas superiores das subjetividades pensantes. O que nos traz, portanto, Freyre em sua análise é a suposta relação de aclimatização estabelecida entre o português de linhagem moura com a natureza, com os habitantes locais e com os povos africanos escravizados que por aqui aportaram. Nas suas palavras:

> O português não: por todas aquelas felizes predisposições de raça, de mesologia e de cultura a que nos referimos, não só conseguiu vencer as condições de clima e de solo desfavoráveis ao estabelecimento de europeus nos trópicos, como suprir a extrema penúria de gente branca para a tarefa colonizadora unindo-se com mulher de cor. Pelo intercurso com mulher índia ou negra multiplicou-se o colonizador em vigorosa e dúctil população mestiça, ainda mais adaptável do que ele puro ao clima tropical. A falta de gente, que o afligia, mais do que a qualquer outro colonizador, forçando-o à imediata miscigenação – contra o que não o indispunham, alias, escrúpulos deraça, apenas preconceitos religiosos – foi para o português vantagem na sua obra de conquista e colonização dos trópicos. Vantagem para sua melhor adaptação, senão biológica, social. (Freyre, 2000, p. 87).

É, por fim, em virtude desses elementos analíticos presentes em "Casa Grande & Senzala" que nos permite suspeitar que, ao contrário de outros intérpretes do Brasil como Sérgio Buarque de Holanda e Raymundo Faoro, Gilberto Freyre não apenas recusa a semântica moderna de compreensão dos processos formativos de sociedades, como também desenvolve uma semântica afinada com a concepção de processo civilizacional. O que contribui para a percepção disso é seu estudo apurado da formação do Brasil e da constituição de seus parâmetros civilizacionais a partir da relação que estabeleceu entre natureza e civilização, aqui pensada tanto em seu aspecto de meio ambiente natural dos seres humanos quanto em seu aspecto de construção cultural dos seres humanos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 1943.

BASTOS, Elide Rugai. Gilberto Freire: Casa-grande & senzala Mota. Lourenço Dantas (org). *In*: **Introdução ao Brasil**. Um banquete no trópico. V. 1. 4. ed. São Paulo: Senac, 2004.

BÔAS FILHO, Orlando Villas. **Teoria dos sistemas e o direito brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 2009.

BURKE, Peter. **Gilberto Freyre e a nova história**. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 1-12, out. 1997. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12696. Acesso em: 14 jun. 2025.

BURKE, Peter; PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. **Repensando os trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre**. Trad. Fernanda Veríssimo. São Paulo: Unesp, 2009. 384 p.

CÂNDIDO, A. A sociologia no Brasil. *In*: **Enciclopédia Delta-Larouse**. 2. ed. Rio de Janeiro: Delta S.A., tomo IV, 1964. p. 2216-2232.

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

ELIAS, Norbert. **Escritos & ensaios**: Estado, processo, opinião pública. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v.1

FAORO, R. **Os donos do poder:** formação do patronato político brasileiro. 3. ed. São Paulo: Globo, 2021.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classe**. São Paulo: Contracorrente, 2021.

FERNANDES, Florestan. O ensino da sociologia na escola secundária brasileira. **Congresso Brasileiro De Sociologia**, 1957, São Paulo. **Anais[...]**, São Paulo, 1957.

FOUCAULT, M. Ditos e escritos. *In*: **Problematização do sujeito:** psicologia, psiquiatria e psicanálise. V. 1. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

FREYRE, G. Gilberto. CasaGrande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Edição comemorativa 90 anos. São Paulo: Global, 2023.

FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**. 16. ed. São Paulo: Globo, 2006.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade: teoria da estruturação**. Tradução de Márcia Perrota. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1995

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: 34, 1994.

LATOUR, B. **Políticas da Natureza:** como fazer ciência na democracia. São Paulo: Edusp, 2004.

OLIVEIRA, Amurabi. Para além do mito da democracia racial: a questão educacional no pensamento de Gilberto Freyre. **Latitude**, Maceió, v. 10, n. 1, 2018. DOI: https://doi.org/10.28998/lte.2016.n.1.2050. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/2050. Acesso em: 14 jun. 2025.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil:** de Varnhagen a FHC. V. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999. 280 p.

SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da comunidade científica no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1979.

SOUZA, J. **Modernidade seletiva:** uma interpretação do dilema brasileiro. Brasília: UNB, 2000.

TAVOLARO, Sérgio. Existe uma modernidade brasileira? Reflexões em torno de um dilema sociológico brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 20, n. 59, out. 2005.

VERGARA, M. R. Ciência e Modernidade no Brasil: a constituição de duas vertentes historiográficas da ciência no século XX. **Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 22-31, 2004.

.

1 Secretaria de Estado da Educação de Sergipe. Doutora em Sociologia/UFS-São Cristóvão –Sergipe/Brasil. Email: edileneleal@gmail.com. https://orcid.org/0000-0001-9377-5777. LABEURC- Laboratório de Estudos Urbanos e Culturais (UFS/CNPq).

2 Secretaria de Estado da Educação de Sergipe. Doutor em História/UFPE. Email: rolimw@gmail.com. Aracaju-Sergipe-Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5785-8724. GECES - Grupo de Estudos e Pesquisa Comunicação, Educação e Sociedade (UNIT/CNPq).

3 Universidade Federal Rural de Pernambuco. Doutorando/UFRPE-Recife-Pernambuco/Brasil. Email: esmeraldo@gmail.com. https://orcid.org/0000-0003-0568-9807. Pesquisador do Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste (UFS/CNPq).

Recebido em: 16 de Julho de 2025
Avaliado em: 13 de Agosto de 2025
Aceito em: 8 de Outubro de 2025

A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site https://periodicos.set.edu.br

Copyright (c) 2025 Revista Interfaces Científicas - Educação

Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-CompartilhaIgual CC BY-SA